

Nas entrelinhas do **texto**

Agnaldo Rodrigues da Silva/Selmo Ribeiro Figueiredo Junior (org.)



UNEMAT 
Universidade do Estado de Mato Grosso
- Unemat Editora -

UNEMAT
EDITORA

Coordenação Editorial: Agnaldo Rodrigues da Silva

Revisão: Maristela Abadia Guimarães

Diagramação: Mikhail Baraniuk de Queiroz

Capa: Mikhail Baraniuk de Queiroz

Copyright@2012/Unemat Editora

Impresso no Brasil

Conselho Editorial: Agnaldo Rodrigues da Silva (Presidente)
Marco Antonio Camilo Carvalho
Célia Alves de Souza
Eliane Ignotti
Eloísa Salles Gentil
Fabrício Schwanz da Silva
Geovane Paulo Sornberger
Aroldo José Abreu Pinto
Márcia Helena Vargas Manfrinato
Luiz Juliano Valério Geron
Adriano Aparecido Silva
Dionei José da Silva

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

S58611 Silva, Agnaldo Rodrigues da.

Nas entrelinhas do texto / Agnaldo Rodrigues da Silva.; Selmo Ribeiro
Figueiredo Júnior. Cáceres: UNEMAT Editora, 2012.
140 p.

ISBN 978-85-7911-069-6

1. Linguagem. 2. Retórica. 3. Educação. I. Figueiredo Júnior, Selmo
Ribeiro (org.). II. Título.

CDU 808(817.2)

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Luiz Kenji Umeno Alencar - CRB1 2037.

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso
- Unemat Editora -



Unemat Editora
Avenida Tancredo Neves nº 1095
Fone/fax: (xx065) 3221-0077
E-mail: editora@unemat.br

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial de qualquer forma ou de qualquer meio. A violação dos direitos de autor (Lei nº 5610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário



- 7 APRESENTAÇÃO
Agnaldo Rodrigues da Silva
- 9 MITO E ENGAJAMENTO NO TEATRO:
O COMPARATISMO ENTRE TEXTOS CÊNICOS
Agnaldo Rodrigues da Silva
- 19 PROCESSO DE INCLUSÃO E ENSINO-
APRENDIZAGEM DO ALUNO CEGO NO
ENSINO REGULAR: UM ESTUDO DE CASO
Ana Lúcia de Andrade Fenili Borges
Neusa Inês Philippsen
- 49 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS DURANTE
O ESTÁGIO DE LÍNGUA PORTUGUESA
E LITERATURAS II, VISANDO ENSINO/
APRENDIZAGEM DAS VARIAÇÕES
LINGUÍSTICAS: UMA SOCIALIZAÇÃO
Fabiana Fátima Hunhas
- 67 LYGIA FAGUNDES TELLES: ESCRITORA
E ESCRITURA ENGAJADA
Luciane Beserra
- 85 O IMAGINÁRIO INFANTIL E
OS CONTOS DE FADAS
Pollyana Karen de S. Silva Albiero
- 105 LINGUÍSTICA E PSICANÁLISE: CONEXÕES
FUNDAMENTAIS
Selmo Ribeiro Figueiredo Junior
- 121 A LITERATURA PÓS-MODERNA PRESENTE
NO ROMANCE MEDIEVAL BAUDOLINO,
DE UMBERTO ECO
Sinara Dal Magro

- CAPÍTULO VI -

LINGUÍSTICA E PSICANÁLISE: CONEXÕES FUNDAMENTAIS

(Selmo Ribeiro Figueiredo Junior)

Primeiras palavras

De início, a Linguística¹ e a Psicanálise são fundamentalmente irmãs no tocante às investigações pela e na linguagem, pois, como lembra Arrivé (1994/1999a, p.7)², “[...] ligações precisas se estabelecem posteriormente, por intermédio de Lacan, entre os conceitos instaurados por Freud e os que Saussure extrai do campo da lingüística”.

Arrivé (1994/1999b, pp.15-24), com base na ausência de rastros escritos, indaga e especula por que Freud ignorou os textos de Saussure e Saussure os de Freud, embora ambos fossem contemporâneos³. Freud, no entanto, teve algum contato com estudiosos da linguagem, como, por exemplo, Carl Abel, representante da filologia anterior ao advento da Linguística moderna inaugurada pelo espírito saussuriano. Freud chegou a fazer recensão de um texto de Abel⁴.

De modo especial, Lacan vai produzir, em sua teoria, pontos de convergências entre a obra de Freud e a de Saussure. Lacan é a costura dos tecidos saussuriano e freudiano. Assim, estava compreendida sua

1 Neste texto, o termo Linguística é tomado em sentido *lato sensu*.

2 Sob certa preocupação em localizar no tempo as afirmações dos autores mencionados no texto, haverá duas datas explicitadas após o nome do autor (a primeira dirá respeito à data da primeira publicação, a segunda, à edição da obra utilizada), a menos que ambas as datas coincidam, deixando, obviamente, apenas uma data citada.

3 Em o *Curso* de Saussure, palavras que se traduzem como inconsciente e subconsciente, p.ex., não equivalem às noções homônimas da Psicanálise, i.e., não se revestem de conceituação psicanalítica. Contudo, Arrivé (1994/1999b, pp.20-1) intenta aproximá-las e indica que Saussure tinha certa intuição — mais notadamente em seus trabalhos anagramáticos — da existência do inconsciente que a Psicanálise constata.

4 Freud, do texto “Über den Gegensinn der Urworte” [“O sentido oposto das palavras primitivas”] de Abel, escrito em 1884, fez sua apreciação em texto sob título homônimo, de 1910.

incursão no linguístico, favorecido por sua leitura do inconsciente⁵: “Um dia percebi que era difícil não entrar na linguística a partir do momento em que o inconsciente estava descoberto” (LACAN, 1972/2008, p.22). Não menos importante é notar que encontramos a retomada da discussão acerca do inconsciente com a questão do linguístico atravessando, do início ao fim, todo o ensino de Lacan.

Beividas e Lopes (2004, p.38) tornam explícito que Lacan, na década de 1950, em seus primeiros seminários, já aproveitava frutos da pesquisa de Benveniste acerca da fala. Os autores (*ib.*, p.41) também salientam que a relação insinuada por Lacan entre Psicanálise e Linguística, ainda que produtiva da parte deste, faltou ser continuada, de modo a serem incluídos os novos avanços de escolas recentes da linguagem.

Linguística e Psicanálise

É surpreendente saber que o primeiro registro de sugestão de colaboração entre Psicanálise e Linguística, segundo Arrivé (1994/1999b, p.16), ocorreu em 1916, por Raymond de Saussure, filho de Ferdinand de Saussure, mesmo ano de publicação do *Curso de linguística geral* do pai. Esse registro foi em forma de carta, dirigida a Charles Bally, um dos organizadores do *Curso*. Antes de citar o trecho da epístola em que há a sugestão de intercâmbio entre a Psicanálise e a Linguística, vale dizer que Raymond — eis um detalhe inusitado — foi psicanalista e teve uma de suas obras, *O método psicanalítico*, prefaciada por Freud, em 1922, o que fez este necessariamente ler as claras referências ao *Curso* feitas por Raymond. Eis o fragmento: “O sr. Freud, em *Psicopatologia da vida cotidiana*, apresenta alguns casos de lapsos, que ele tenta explicar psicologicamente. Parece-me que esse seria um campo novo de investigação para a linguística” (SAUSSURE⁶, *ap.* ARRIVÉ⁷).

5 “O inconsciente, a partir de Freud, é uma cadeia de significantes que em algum lugar (numa outra cena, escreve ele) se repete e insiste, para interferir nos cortes que lhe oferece o discurso efetivo e na cogitação a que ele dá forma” (LACAN, 1960/1998b, p.813).

6 A carta de Raymond de Saussure foi publicada em *Le Bloc-notes de la Psychanalyse*, 5, 1985, pp.147-9.

7 *loc. cit.*

Contudo — tal como Schäffer, Flores e Barbisan (2002, p.8) abonam —, já nos primeiros textos de Freud encontra-se um interesse marcado pela linguagem, a Lacan cabendo, posteriormente, tornar a relação entre a Psicanálise e a Linguística mais efetiva, ao levar contribuições explícitas, especialmente de Saussure e Jakobson, para o campo psicanalítico. Como Mussalim (2000/2009) faz notar, “Lacan faz uma releitura de Freud recorrendo ao estruturalismo linguístico, mais especificamente a Saussure e a Jakobson, numa tentativa de abordar com mais precisão o inconsciente, muitas vezes tomado como uma entidade misteriosa, abissal” (MUSSALIM, 2000/2009, p.107).

Nesse sentido, Lacan (1976, p.19⁸, *ap.* BEIVIDAS e LOPES, 2004, p.29) assevera que não há como proceder à abordagem do inconsciente sem a Linguística, sendo que esta e a Psicanálise mantêm uma relação estreita, chegando à afirmação — e aí precisamos evocar um átomo de reserva — de que elas “[...] chegam a se confundir. Se examinarmos de perto, veremos que não são essencialmente diferentes uma da outra” (*id.*, 1957/1999, p.14). No mesmo ano, diz ainda que “[...] é toda a estrutura da linguagem que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente” (*id.*, 1957/1998, p.498), demandando que o psicanalista não se furte à Linguística (*id.*, 1977, pp.9-10⁹, *ap.* BEIVIDAS & LOPES, 2004, p.32).

Não obstante, segundo coloca Arrivé (1994/1999a, pp.7-9), até 1994 não houve quem, combinando Linguística e Psicanálise na pontualidade da relação entre linguagem e inconsciente, publicasse obra específica sob essa rubrica na França. Nessa perspectiva de rastreamento de primeiros textos dados à luz sobre o tema, encontra-se *Die Sprache und Unbewusste* (A linguagem e o inconsciente, em tradução livre), de Hermann Lang, em 1973, obra que ainda não aparece traduzida ao público brasileiro. Um pouco antes, entre as duas guerras mundiais, é Pichon — primeiro linguista-psicanalista (ARRIVÉ, 1994/1999b, p.22) —, juntamente com Damourette, quem representa o maior nome no trânsito entre Linguística e Psicanálise francesas (*id.*, 1994/1999a, p.8).

8 LACAN, Jacques. *Conférences et entretiens dans des universités nord-américaines*. Scilicet, Paris: Seuil, n.6/7, 1976. pp.5-63.

9 LACAN, Jacques. *Ouverture de la section clinique*. Ornicar?, Paris: Lyse, n.9, 1977. pp.7-14.

Imbricação flagrante entre Linguística e Psicanálise

A obra de Freud intitulada *Os chistes e a sua relação com o inconsciente*, de 1905, é um material em que há noções linguísticas tácitas, entre as quais o significante pode ser um alto exemplo. Nesse particular, Arrivé (1994/1999b, p.18) diz que Freud dispensa um tratamento linguístico a suas análises de chistes, ainda que, como se disse, sem menção explícita do aparato. “É uma verdadeira linguística freudiana que se constrói nesse livro, atenta a todos os aspectos da linguagem”, argumenta Arrivé¹⁰. É isso, afinal, o que Lacan (1957/1999) expressa ao dizer que ali Freud constrói nada menos do que uma teoria formal do significante. É o exame do chiste que revelará eloquentemente a prevalência, por exemplo, do significante sobre o significado¹¹, realidade teórica que acompanhará Lacan de maneira ostensivamente captável.

Revelando conhecimento linguístico antes do advento da Linguística moderna, Freud (1913/1996, p.180) sugere, ao mencionar as dificuldades por que os psicanalistas passam ao tentar interpretar a linguagem dos sonhos, que isso se deve em grande parte ao fato de que eles, em geral, simplesmente desconhecem o procedimento e o conhecimento com os quais os filólogos operam em casos de desvelamento simbólico.

A recíproca, em tese, não encontra razão para criar resistência para ser verdadeira, isto é, o linguista só terá a ganhar ao beber a seiva da Psicanálise para melhor abordar os fenômenos linguísticos que apresentem uma dimensão psicanalítica cuja descrição esteja realizada e cujo mecanismo esteja suficiente ou relativamente apreendido. Isso feito, será natural entender, com uma carga de acuidade acrescida, o próprio domínio como benefício dessa postura que, ao aceder à interdisciplinaridade, se porá avessa ao traje dos antolhos.

Mussalim (2000/2009), ao falar do nascimento da Análise do Discurso de orientação francesa na década de 1960, explicita como a Psicanálise (lacaniana) — trazida como que timidamente à cena da nova

¹⁰ *loc. cit.*

¹¹ Aqui, significado não se distingue necessariamente de sentido enquanto noção semântica (tal como se faz rigidamente na Semântica Formal), conquanto não seja ilegítimo depreender-se no último uma categoria de maior abrangência, mais associada ao campo do discurso, nas discussões gerais do linguístico e, por extensão, do psicanalítico, ficando ao significado uma relação que incide no domínio significante, como o fazemos neste texto. Nesse particular, por vezes Lacan (1955/1985, p.357) localiza o sentido estritamente na fala.

disciplina por Pêcheux¹² — serviu à gênese do recente campo ao lado do estruturalismo e do marxismo. O movimento contrário também é notado. Lacan, com clara remissão às contribuições pertinentes ao linguístico, introduz em seu campo de experiência noções de metáfora, metonímia, significante e cadeia significante.

Para a Psicanálise, sua relação com a Linguística é, em certo grau, mais necessária do que a remissão da Linguística à Psicanálise. Um dos motivos disso é o fato de ser pela linguagem, objeto epistêmico da Linguística, que a atividade (da terapia, da escuta) psicanalítica pode se realizar, como não nos deixam desatinar Schäffer, Flores e Barbisan (2002, p.8). Mas é certo que noções advindas da experiência psicanalítica têm sido apropriadas pela ciência da linguagem, tal como as categorias de inconsciente e sujeito o provam altivamente.

Outra colocação que merece ser avaliada mais de perto — e esta indicação fazemos em reforço às palavras de Schäffer, Flores e Barbisan (2002) — é a de que a Linguística, quando toma conceitos de empréstimo à Psicanálise, o faz de maneira frequentemente sob coação de certo simplismo, quando não reducionista, ao passo que a Psicanálise, em relação aos que lhe interessam presentes na Linguística, costuma fazê-lo com vistas a uma maior produtividade.

Resistências à conexão entre Linguística e Psicanálise

Entretanto, Arrivé (1994/1999a, p.9) anuncia, sem dar nome aos bois, que são muitas as vezes em que psicanalistas encobrem empréstimos à Linguística. Bevidas e Lopes (2004, p.30) até fazem constar que a Psicanálise pós-lacaniana, num ato que chamam de processo demissionário, estaria a boicotar a ascensão que a Linguística, direta e indiretamente, vinha ganhando com o ensino de Lacan no campo psicanalítico. Para entendermos essa operação, basta apreciarmos momentaneamente a hipótese bem crível de que os psicanalistas não queriam — e, talvez, ainda hoje não queiram — testemunhar a perda

12 Timidamente pelo fato de o principal objetivo da Análise de Discurso na época ser analisar a dimensão política dos discursos, objetivo para o qual a Psicanálise só poderia exercer o papel de fornecedora de alguns conceitos que escapavam, pela natureza, ao marxismo e ao estruturalismo.

do prestígio que seu domínio supostamente possui à mercê da relativa autonomia que lhe é atribuída. Assim, abordar-se-ia o inconsciente sem qualquer contribuição expressa, patente, advinda da Linguística, bem como se dissimularia, por exemplo, a herança que o significante lacaniano guarda do significante saussuriano.

Quanto ao se calar deliberado dos psicanalistas já na década de 1960 em relação à filiação linguística do inconsciente, alvissarada a contento por Lacan a essa altura, este tece uma crítica ao trabalho daqueles, trabalho esse visto por Lacan como devedor à maturidade e reduzido a uma mera pedagogia, e dispara: “Seus autores, doravante, estão por demais preocupados com uma posição de medalhões para ainda levar minimamente em conta o aspecto irremediavelmente extravagante que o inconsciente conserva por suas raízes lingüísticas” (LACAN, 1960/1998b, p.826).

Anos depois, também encontramos o que parece estar aquém e longe de um arrazoamento contundente. Claude Le Guen¹³ (*ap. ARRIVÉ, 1994/1999b, p.11*) defende que, para a Psicanálise, seria necessário compreender a linguagem fora de qualquer concepção linguística. Ora, a desconfiança a ser aplicada aí deve ser semelhante àquela mesma que nos irromperá se um dia ouvirmos de algum cientista político que sua área deve estudar o Estado a partir de um ponto de vista que não conte, de modo algum, com a contribuição da sociologia. Acometido por um espírito análogo ao de Guen, André Green — contra cuja opinião as evidências aqui, neste artigo, dão seu quinhão de refutação, mesmo se a referência for atinência à linguística¹⁴

13 “Le refoulement”, *Revue Française de Psychanalyse*, fasc. 1, jan.-fev. 1986, p.245.

14 Uma nota aqui só se justifica se supusermos por um instante a possibilidade de se ter uma crítica à linguística. Assumida, então, essa possibilidade, cumpre articular que não procede de bases lógicas qualquer depreciação fortemente sustentável no que se refere ao sem-número de incursões linguísticas teóricas fundantes que o autor promove em todo o seu ensino, ainda que lhe imputem — a exemplo de um Beividas e um Lopes (2004, p.34) — o não avanço (ou o avanço não tão consistente como se esperava) da conceituação da aludida linguística e de seu objeto, *lalangue*, porquanto em nada desabona as contribuições de Lacan às reflexões acerca do lingüístico, notadamente, também como veremos, quando se trata da teoria do significante. Feito esse exercício, realizado sob o propósito de demarcarmos onde nos apoiar, vale apontar que, na verdade, o termo utilizado no gesto de Green não faz restar dúvidas últimas: “Linguística”, não remetendo necessariamente a qualquer linguística, dispensa seus efeitos como que à globalidade da obra lacaniana, atualmente tão fecunda nas escolas de Psicanálise que chega a obstar, pela natureza da verve, o arvorar-se de outro nome que a supere — o que não é bom!

— arremete: “Durante muito tempo, essa tentativa de diálogo [entre Psicanálise e outras disciplinas] foi muito difícil, quando não terminou em fracasso: por exemplo, Lacan e a linguística” (GREEN¹⁵, *ap. ARRIVÉ*¹⁶).

Todavia, claro é que a Linguística não deve se elevar como o lugar legítimo e único de debate concernente a todo e qualquer fenômeno linguístico¹⁷. Segundo Lacan (1972/2008, p.22), Jakobson teria crido no contrário, tendo de ser objetado por aquele, exceto quando aí se tratar de poesia, somente. É nesse momento que Lacan¹⁸ intenta firmar seu conceito de linguística para precisar melhor suas remissões à relação entre o inconsciente e os atos de linguagem do sujeito, de maneira a deixar a palavra linguística para os linguistas.

O estatuto do sujeito

A conceituação de sujeito, tal como a Psicanálise a articula, é a que veio frontalmente servir à Linguística, com especial força a partir da famosa década de 1960, sob o horizonte de uma Europa culturalmente impetuosa; mas já vinha se imiscuindo no quadro das coisas do linguístico, motivada pela emergência com a qual seu desenho tomava forma desde os primórdios da experiência psicanalítica — a voz triádica de Schäffer, Flores e Barbisan (2002, p.9) está aí para o sustentar. Isso também significa evidenciar que o conceito de inconsciente, cuja dimensão é constituinte desse sujeito, passa a se infiltrar nas discussões acerca da linguagem, provocando reformulações nas categorias de discurso, enunciado, enunciação, sentido e processo de significação.

Mussalim (2000/2009, p.110) divulga o ânimo com que a Análise de Discurso de linha francesa acolhe o postulado de Lacan sobre o sujeito, visto que o projeto da disciplina, ao se ocupar dessa dimensão antinômica de maneira especial, se congraça ao poder sustentar com

15 “Psychoanalyse: retour à La rigueur”, declarações de André Green recolhidas por Bruno de Cessole, *Le Figaro*, 9.1.1989, p.26.

16 *loc. cit.*

17 Cf. MILNER, Jean-Claude. *Linguistique et psychanalyse*. Encyclopædia Universalis. Corpus, Paris: Encyclopædia Universalis France S.A., n.13, 1992. pp.858-862.

18 *loc. cit.*

epistemologia a colocação segundo a qual os textos resultam de uma atividade ideológica não consciente. Daí decorre ver o sujeito ocupar um lugar, uma formação social que determinará as condições de possibilidade de seu enunciar, e isso à revelia de sua consciência, ou seja, escapando às fronteiras do “eu penso”.

É com esta colocação abaixo que Mussalim, em seu texto cunhado também sob o intento de anunciar ao estudante a cara da disciplina de que trata, é feliz no resumo *invitu* que tece acerca dos contributos de Lacan que servem justamente aos estudos da linguagem, de modo que nos resta o prazer de reproduzi-lo de eito:

Para poder trazer à tona seu material, Lacan assume que o inconsciente se estrutura como uma linguagem, como uma cadeia de significantes latente que se repete e interfere no discurso efetivo, como se houvesse sempre, sob as palavras, outras palavras, como se o discurso fosse sempre atravessado pelo discurso do Outro¹⁹, do inconsciente. A tarefa do analista seria a de fazer vir à tona, através de um trabalho na palavra e pela palavra, essa cadeia de significantes, essas “outras palavras”, esse “discurso do Outro”. O inconsciente é o lugar desconhecido, estranho, de onde emana o discurso do pai, da família, da lei, enfim, do Outro e em relação ao qual o sujeito se define, ganha identidade. Assim, o sujeito é visto como uma representação — como ele se representa a partir do discurso do pai, da família etc. —, sendo, portanto, da ordem da linguagem. Apoiado em alguns critérios do estruturalismo linguístico, Lacan aborda esse inconsciente, demonstrando que existe uma estrutura

¹⁹ Outro, também chamado grande Outro, é a sede da fala, tesouro do significante (LACAN, 1960/1998b, p.833; 1957/1999, p.14). A propósito, linguagem para Lacan é o mesmo que língua para Saussure, i.e., sistema de signos suficiente. Em outro momento, este define língua como o depósito de imagens acústicas (= significantes), concepção da qual decorre praticamente sinônimo o termo lacaniano Outro. Cf. Saussure (1916/2006b, p.23).

discursiva que é regida por leis. Decorrem dessa proposta implicações para a psicanálise. A que mais diretamente interessa à AD diz respeito ao conceito de sujeito, definido em função do modo como ele se estrutura a partir da relação que mantém com o inconsciente, com a linguagem, portanto, já que, para Lacan, “a linguagem é condição do inconsciente” (MUSSALIM, 2000/2009, p.107).

Milner (1987, p.29²⁰, *ap.* SCHÄFFER, FLORES e BARBISAN, 2002, p.9), para se exprimir a propósito do sujeito, diz ser não simetrizável, não fora de demanda do desejo, sujeito da enunciação a ser entendido a partir das inconsistências que sua constituição inaugura. Lacan lança perguntas retóricas sobre o tema:

O que é um sujeito? Será alguma coisa que se confunde, pura e simplesmente, com a realidade individual que está diante de seus olhos quando vocês dizem *o sujeito*? Ou será que, a partir do momento em que vocês o fazem falar, isso implica necessariamente uma outra coisa? Quero dizer, será que a fala é como que uma emanação que paira acima dele, ou será que ela desenvolve, que impõe por si só, sim ou não, uma estrutura como aquela que tenho comentado longamente, à qual os habituei? — e que diz que, quando há um sujeito falante, não há como reduzir a um outro, simplesmente, a questão de suas relações como alguém que fala, mas há sempre um terceiro, o grande Outro, que é constitutivo da posição do sujeito enquanto alguém que fala, isto é, também como sujeito que vocês analisam (LACAN, 1958/1999, pp.185-6, grifo do autor).

20 MILNER, Jean-Claude. *O amor da língua*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

É claro que o sujeito não se confunde com a realidade individual que o carrega. As evidências de que dispomos não nos deixam afirmar o contrário. Em seu bojo, o sujeito do inconsciente também fala quando aquele diz. Se ele nem sabe que fala, quem dirá *o que* fala, asseveração para a qual o teórico do sujeito aponta ratificação a todo instante²¹.

Com o novo modelo linguístico de sujeito, os esquemas rijos ou clássicos que supunham uma relação simétrica entre falantes sofrem rupturas, ainda mais quando consideramos a dimensão da enunciação. Não há mais enfoque preponderante ao aspecto informacional de uma troca verbal: o dito passa a ser reconhecido como uma rubrica que sustenta desdobramentos para além do que se explicita na fala. Assim, vale dizer que o sentido, concebido como mais ou menos transparente outrora, é tão túrbido quanto a dimensão do desconhecido dos sujeitos que concorrem ao seu desencadeamento.

O significante

“Se a lingüística nos promove o significante, ao ver nele o determinante do significado, a [psic]análise revela a verdade dessa relação, ao fazer dos furos do sentido os determinantes de seu discurso” (LACAN, 1960/1998b, p.815). Sugestivamente, logo se vê como o significante tem um lugar de destaque na Psicanálise lacaniana. Ferdinand de Saussure, de longe, foi quem mais a serviu nessa matéria, o que não implica dizer que só ela perfez fonte teórica — assim o diz o próprio Lacan.

O significante — tal como o promovem os ritos de uma tradição lingüística que não é especificamente saussuriana, mas remonta até os estoícos de onde ela se reflete em santo Agostinho — deve ser estruturado em termos topológicos. Com efeito, o significante é primeiro aquilo que tem efeito de significado, e importa não elidir que, entre os dois, há algo de barrado a atravessar (LACAN, 1972/2008, p.25).

21 Cf. Lacan (1960/1998b, p.831).

Em relação precisamente ao signo²² saussuriano — e para falarmos da citada barra que o atravessa —, Lacan dá prevalência ao significante sobre o significado, situa-o acima do significado, além de eliminar a elipse (sugestão de unicidade) e as setas bidirecionais opostas (sugestão de biunivocidade ou correlação necessária entre os termos do signo), deixando a ideia de que o significado, sob o significante, só se ata efetivamente a este em um movimento sempre posterior ao processo de significação que o sujeito dispara, momento em que se supõe vencida a barra (conotada em Lacan como elemento de resistência à significação) interposta entre os termos do signo²³.

A dimensão do significante lança suas propriedades sempre adiante do sentido, e este vem atrás, portanto, sempre arfante e às palpitações. A linha do tempo exigida por essa dimensão por si o demonstra bem, o que dá esteio à afirmação que reza que falamos sem saber que emitimos significantes. Falamos sempre mais do que queremos dizer, sempre mais do que sabemos dizer (LACAN, 1954/[s.d.]b, p.303).

O sujeito, quando acometido por uma cadeia significante, será a sede desencadeadora do efeito de sentido, ligado — de modo nunca exatamente previsto — a essa intrusão. Sob outro ângulo, o efeito da cadeia significante será o de abrir uma demanda de sentido, possível pelo movimento psíquico do processo de significação, a que o grande Outro, por sua vez, prestará subsídio. — Ressalte-se que, sem o grande Outro, esse circuito posto em funcionamento seria evidentemente impossível.

A propósito do deslizamento incessante do significado sob o significante (LACAN, 1957/1998, p.505):

A relação do significante com o significado,
tão sensível nesse [primeiro] diálogo dramático

22 Para Lacan, o significante pode se referir ao fonema, à palavra e até a frase. A palavra não é signo, mas nó de significação. O algoritmo (o signo) é pura função do significante. Cf. Lacan (1946/1998, p.168; 1957/1998, p.504; 1972/2008, p.25)

23 O signo saussuriano, “rompido”, como vimos, por Lacan, está apresentado em Saussure (1916/2006a, p.80, *passim*), onde os termos são conceito por significado e imagem acústica por significante. Para a discussão dessa ruptura e suas consequências, v., p.ex., Nóbrega (2002) e Arrivé (1999). Cf. Lacan (1957/1998, p.500), onde, por sinal, o deslocamento se enuncia tacitamente.

[em texto trágico chamado *Atália*, de Racine], levou-me a fazer referência ao célebre esquema de Ferdinand de Saussure em que vemos representado o duplo fluxo paralelo do significante e do significado, distintos e fadados a um perpétuo deslizamento um sobre o outro. Foi a propósito disso que forjei a imagem, retirada da técnica do estofador, do ponto de basta. É preciso que em algum ponto, com efeito, o tecido de um se prenda ao tecido do outro, para que saibamos a que nos atermos, pelo menos nos limites possíveis desses deslizamentos. Existem pontos de basta, portanto, mas eles deixam uma certa elasticidade nas ligações entre os dois termos (LACAN, 1957/1999, p.15).

Para esse ponto de estofo na significação, isto é, o ponto de encontro entre significante e significado, a cadeia significante é construída tendo-se em mente, por parte do falante, um sentido (que nunca é completamente satisfeito) cuja garantia mínima exigirá que o último elemento da série seja emitido e pontuado. Se, nesse movimento, o outro escandir antes da pontuação a cadeia significante, aí residirá um alargamento do mal-entendido, que, como bem sabemos, sempre tem o estatuto de constitutivo no jogo discursivo. Para dizê-lo, Lacan fala da frase, arranjo mínimo de significantes em circuito.

É absolutamente necessário — essa é a definição de frase — que eu tenha dito a última palavra para que vocês compreendam a situação da primeira. Isso nos dá o exemplo mais tangível do que podemos chamar de ação *nachträglich* [retroativa] do significante (LACAN, 1957/1999, p.17).

Isso diz respeito muito simplesmente a duas direções tomadas no interior do processo de dizer e de significar. A linha do tempo é inaugurada com o primeiro significante da cadeia que, ao chegar a

termo, porá a exigência de recobrimento semântico em ato de retorno a esses elementos, e isso de trás para frente (só a abstração colocará este momento numa segunda linha do tempo, sem que haja origem em comum). Portanto, um movimento de ida e outro de volta. Um de lançamento material, outro de recobrimento simbólico, e a superposição de dobras complementares se estabelecem, para todos os efeitos.

Metáfora e metonímia

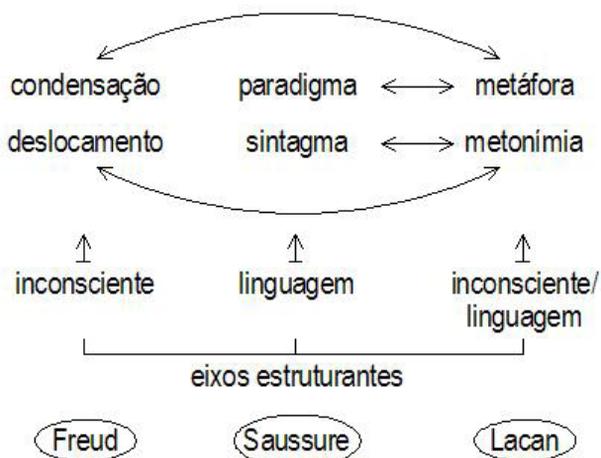
Mais uma interessante congruência entre Linguística e Psicanálise se estabelece com os termos metáfora e metonímia. Pelo lado de Lacan, “[...] toda espécie de emprego, em certo sentido, é sempre metafórica” (LACAN, 1954/[s.d.]a, p.270). “*Uma palavra por outra*, eis a fórmula da metáfora” (*id.*, 1957/1998, p.510). “Não existe sentido senão metafórico, só surgindo o sentido da substituição de um significante por outro significante na cadeia simbólica” (*id.*, 1957/1999, p.16). Quanto à metonímia, fundamentalmente entendida como a parte tomada pelo todo, Lacan utiliza o termo mais diretamente herdado de Roman Jakobson.²⁴

A conceituação de Saussure concernente aos eixos estruturantes da linguagem, quais sejam, o sintagma e o paradigma (ou associação)²⁵, foi colocada por Lacan de maneira que a metonímia estaria para o sintagma assim como a metáfora estaria para o paradigma, e isso não só em relação à linguagem, mas também ao estatuto estrutural do inconsciente²⁶. Para Freud, esses eixos do inconsciente eram os mecanismos de deslocamento e condensação, que sofreram, nas mãos de Lacan, equiparação à metonímia e à metáfora, respectivamente. Tais correlações são apresentadas didaticamente no grafo abaixo.

24 Cf. Lacan (1957/1998, p.509; 1966/1998, p.74). Para mais sobre metáfora e metonímia, v. Lacan (1957/1998, p.510; 1960/1998b, p.814).

25 A relação sintagmática é colocada *in praesentia*, vinculada a dois ou mais termos presentificados numa sequência atualizada. Já a relação associativa, por seu turno, se refere a termos *in absentia*, dizendo respeito a uma série mnemônica potencial. A relação associativa desencadeia a comparação mental. Ambas as relações são ordens de coordenação. Cf. Saussure (1916/2006c, p.143).

26 Discutindo esses termos estruturantes, em especial a metáfora, v. Nóbrega (2002).



Importante dizer que, pelo filtro lacaniano, metáfora e metonímia aí sinalizam vertentes do significante, matéria-prima tanto da linguagem como do inconsciente. A teoria de Lacan, assim, irrompe como ponto de ancoragem de ambos os domínios do conhecimento, dando a um de seus famosos — e, na mesma proporção, incompreendidos — aforismos, de que o inconsciente se estrutura como uma linguagem, razão e consistência no interior de seu desenvolvimento epistemológico na matéria.

Últimas palavras

Por conseguinte, tanto para o psicanalista quanto para o linguista, é da mais notória conveniência saber que, quando houver fala, o sujeito do inconsciente se movimenta rumo à superfície, fracamente estabilizada pela membrana do sujeito consciente, fator de homeóstase social. Os poros quase sempre se abrem nessa membrana, à revelia daquele que fala, devido à própria natureza do processo. Daí seja constitutivo no dizer, no discurso, um mais-além. Em termos mais linguísticos, a constituição da enunciação, que funda o enunciado, inaugura ordens tão fugidias ao analista quanto a palpabilidade de um olhar de esgueira mediado por lentes escuras dado num momento inesperado. Como tal, o analista, para lograr algum sucesso em sua tarefa, deverá aparelhar-se e se pôr como atalaia insone do acontecimento, do fenômeno, que lhe trará o objeto a ser, de início, observado e, na sequência, compreendido em seus desdobramentos não só explícitos: isso, aqui, já não deixa de

ser evidente.

Em relação aos modelos contemporâneos do fazer científico de qualquer domínio de saber, não parece sensato ignorar as discussões de outros cientistas ou estudiosos acerca de um objeto do conhecimento em comum, das quais contribuições sempre terão a potencialidade de partir, a menos que o ângulo de visão estabelecido por um deles seja precedido de uma abstração que, de tão peculiar, torne teoricamente impossível ou incompatível a coexistência de perspectivas de enfoque sobre o fenômeno a ser apreendido. Se essa não for a postura, antolhos nos serão adereço permanente. Um linguista, ao presenciar um ato falho no discurso, se não tiver se nutrido sobre a significação que a Psicanálise oferece, verá aí apenas um *lapsus linguae*, deixando escapar, portanto, uma importante dimensão que “deu as caras” na enunciação: o inconsciente, bem como o que ele veio a dizer, prenhe de sentidos e ávido para que o seu desejo seja lido.

REFERÊNCIAS

ARRIVÉ, M. Prefácio. **Linguagem e psicanálise, lingüística e inconsciente:** Freud, Saussure, Pichon, Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994/1999a.

_____. Vão panorâmico em altitude variável. **Linguagem e psicanálise, lingüística e inconsciente:** Freud, Saussure, Pichon, Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994/1999b.

BEVIDAS, W.; LOPES, M. **Psicanálise e lingüística:** uma relação mal começada. Pulsional, mar/2004, ano XVII, n.177.

FIGUEIREDO JR., S. R. Eixos estruturantes. **Significante, verdade da significação:** ênfase lacaniana e saussuriana. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras). Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop, 2009.

FREUD, S. Os chistes e a sua relação com o inconsciente. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud:** edição standard brasileira. V. VIII. Rio de Janeiro: Imago, 1905/1996.

_____. O interesse filológico da psicanálise. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud:** edição *standard* brasileira. V. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1913/1996.

LACAN, J. Formulações sobre a causalidade psíquica. **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1946/1998.

_____. A função criativa da palavra. **Seminário, livro 1:** os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1954/[s.d.].a.

_____. A verdade surge da equívocação. **Seminário, livro 1:** os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1954/[s.d.].b.

_____. Onde está a fala? Onde está a linguagem? **Seminário, livro 2:** o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1955/1985.

_____. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1957/1998.

_____. O familionário. **Seminário, livro 5:** as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1957/1999.

_____. Os três tempos do Édipo. **Seminário, livro 5:** as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1958/1999.

_____. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1960/1998b.

_____. Dos nossos antecedentes. **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1966/1998.

_____. A Jakobson. **Seminário, livro 20:** mais, ainda. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1972/2008.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à linguística:** domínios e fronteiras, v.2. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2000/2009. pp.101-142.

NÓBREGA, Mônica. Lacan e a lingüística saussuriana: um tiro que errou o alvo, mas acertou na mosca. In: SCHÄFFER, Margareth; FLORES, Valdir do Nascimento;

BARBISAN, Leci Borges (Orgs.). **As aventuras do sentido:** psicanálise e lingüística. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. pp.225-246.

SAUSSURE, F. de. Natureza do signo lingüístico. **Curso de lingüística geral.** 27.ed. São Paulo: Cultrix, 1916/2006a.

_____. Objeto da lingüística. **Curso de lingüística geral.** 27.ed. São Paulo: Cultrix, 1916/2006b.

_____. Relações sintagmáticas e relações associativas. **Curso de lingüística geral.** 27.ed. São Paulo: Cultrix, 1916/2006c.

SCHÄFFER, Margareth; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges. Sobre a necessidade e a natureza das relações entre a psicanálise e a lingüística. In: SCHÄFFER, Margareth; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges (Orgs.). **As aventuras do sentido:** psicanálise e lingüística. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. pp.7-12.